



Festa também é permanência: Uma análise etnográfica da festa IFCH na UNICAMP

Palavras-Chave: PERTENCIMENTO, AMBIENTE ACADÊMICO, CULTURA PERIFÉRICA

Autores(as):

TAINÁ MORAES LERIA DIAS, FECFAU – UNICAMP

Prof. Dr. OMAR RIBEIRO THOMAZ (orientador), IFCH - UNICAMP

Prof^a. Dr^a. JAQUELINE LIMA SANTOS (coorientadora), IFCH - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa, situada no campo da antropologia urbana, propõe uma análise etnográfica do evento IFCH¹ como uma manifestação cultural e política que emerge dentro do espaço universitário da UNICAMP². Originalmente IFCH significa Instituto de Filosofia, Ciências Sociais e História, sendo um território físico-espacial e acadêmico, composto por um conjunto de prédios que comporta salas de aula e de docentes, auditórios, biblioteca, administração, centro acadêmico, dentre outros espaços, mas acaba virando um substantivo quando passam a nomear um evento cultural de lazer, comemoração e reivindicação política, nas vielas entre os prédios que constituem o instituto. Sendo assim este estudo parte da observação de que eventos como o IFCH, que ocorrem dentro do campus universitário, de forma independente, organizados pelos estudantes, constituem práticas de resistência e criação de pertencimento em um ambiente historicamente excludente, que são as academias, marcado por normas institucionais brancas e elitizadas, como coloca Grada Kilomba no texto “falando no centro, descolonizando o conhecimento”:

“Quem está no centro? E quem permanece fora, nas margens? Fazer essas perguntas é importante porque o centro ao qual me refiro aqui, isto é, o centro acadêmico, não é um local neutro. Ele é um espaço branco onde o privilégio de fala tem sido negado para as pessoas negras. Historicamente, esse é um espaço onde temos estado sem voz e onde acadêmicas/os brancas/os têm desenvolvido discursos teóricos que formalmente nos construíram como a/o “Outras/os” inferior, colocando africanas/os em subordinação absoluta ao sujeito branco”. (Kilomba, 2020)

A partir da observação participante, a pesquisa busca compreender esses eventos, que ao ocuparem o campus com música, expressões culturais periféricas e diversidade de corpos, tensionam as fronteiras entre o espaço acadêmico formal e os modos populares de existência. O evento, mais do que uma festividade, se apresenta como um espaço simbólico de afirmação identitária, articulado com movimentos urbanos de resistência na cidade de Campinas, como a Casa de Babilônia³ e os bailes

¹ O IFCH aqui não é mais a sigla para o Instituto de Filosofia, Ciências Sociais e História, mas sim um substantivo próprio para festas universitárias gratuitas realizadas dentro do espaço físico do IFCH, ou seja no espaço público da Universidade Estadual de Campinas.

² UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas.

³ A Internacional Real Casa de Babilônia é uma casa de acolhimento de pessoas Trans, localizada no centro de Campinas, fundada em 2022. Atualmente é uma instituição que organiza diversos eventos.

funk. Assim, o IFCH será investigado como uma prática social de aquilombamento e de luta por permanência universitária, em especial após a implementação das cotas étnico raciais em 2019 - fruto de um longo percurso de embates políticos, assim como o Vestibular Indígena (Rosa; Facchini, 2022). O conceito de aquilombamento é usado aqui, então, como o ato de identidades não branca construir um espaço onde haja identificação e pertencimento, baseado na definição de quilombo como um meio de organização de existência individual e coletiva, e como forma de combate ao sistema de opressão colonial (Nascimento, 1980).

Ao observar a importância simbólica desses eventos para a permanência estudantil e para a construção de comunidades dentro da universidade, esta pesquisa busca compreender como o IFCH se relaciona com as disputas por visibilidade, reconhecimento e espaço. A proposta é analisar o evento como parte de um movimento maior de reconfiguração da universidade pública brasileira, a partir das experiências e vivências de quem historicamente foi excluído dela, a população negra e periférica que por meio de seus corpos e culturas antes marginalizadas, reconfiguram o espaço acadêmico e apontam para novas formas de habitar e reivindicar a universidade pública.

METODOLOGIA:

A priori, foi realizada uma breve revisão bibliográfica para criar o embasamento teórico a ser utilizado na análise etnográfica, que é objetivo central desta pesquisa. Sendo assim a revisão foi sistematizada em uma planilha base, com os itens: base de dados, palavras-chave, autora(s)/autor(s), título, tipo de material (artigo, tese, livro, etc.), data da publicação, resumo e como citar. Com isso foram selecionados alguns textos mais relevantes, com recorte de data de 2019⁴ a 2025, para uma leitura completa.

A outra etapa da pesquisa foi a etnografia, mas a partir da ideia de que são as pessoas as responsáveis pela construção da pesquisa e teoria antropológica (Pinto; Silva, 2021), ou seja uma etnografia sem o afastamento do pesquisador com o objeto de pesquisa, não existe o “nós” e o “outro”, a proposta é superar a limitação de pensar raça e gênero apenas pelo elo “subordinado” (Pereira, 2020), a partir da implementação das cotas raciais, pretos, pardos e indígenas ganham maior acesso ao ambiente acadêmico e com isso vem a oportunidade de escrever seu próprio material teórico sobre suas vivências e seus grupos sociais, dando visibilidade a uma perspectiva não branca de produção científica e cultural.

A etnografia partiu da vivência de campo, das fotografias tiradas durante essas vivências nas festas e dos materiais digitais de divulgação que circularam pelas redes sociais. Para organização do material fotográfico coletado em campo e dos folders de divulgação foram feitas pastas no drive separando cada evento de acordo com sua data e nome. Em seguida foi escrito um diário de campo a partir dessas fotos, criando uma narrativa para cada dia de acordo com a sequência fotográfica. O diário de campo é um espaço de reflexão, que contém ainda a possibilidade de registrar avanços e recuos, o acesso a cada vez mais camadas de percepção sobre a realidade social em estudo (Cachado, 2021). A posteriori, iniciou-se a etapa de análise desses documentos previamente organizados, baseando-se nos referenciais bibliográficos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Durante todo o período da pesquisa estive presente em várias festas universitárias dentro do campus, as quais podemos chamar também de “culturais” - cada uma tem um nome e uma identidade própria, como: IFCH, DCE (Diretório Acadêmico), IEboscada (EI - Instituto de Economia), CB (Ciclo

⁴ Foi definido o ano de 2019 como limite recorte de data para as bibliografias a serem utilizadas nesta pesquisa pois este foi o ano de implementação das cotas étnico raciais na UNICAMP.

Básico), CACH (Centro Acadêmico de Ciências Humanas), seguindo a lógica de nomear a festa com as siglas do nome do bloco ou instituto onde acontecerá o evento. Sempre fui com um olhar de pesquisadora, mesmo antes de começar a pesquisa, mas nunca deixando de viver a experiência junto com todas as outras pessoas que ali estavam, o que me deu a possibilidade de participar e observar sem precisar ser um corpo estranho.



Foto 1: Cultural IFCH do dia 21 de setembro de 2023, reivindicação pelas cotas trans. - Fonte: De autoria própria

A primeira vez que tirei foto de uma “cultural” foi no DCE do dia 23 de março de 2023, o primeiro DCE do ano, naquele momento eu não fazia ideia de que acabaria se tornando uma pesquisa. A temática desse DCE foi as cotas trans, haviam pessoas dançando vogue⁵ em uma rodinha no início da festa, o espaço ainda permitia, aos poucos foi ficando cheio - universitários, pessoas da comunidade externa, rostos conhecidos, rostos desconhecidos, alguns pontos de venda de bebida, com cartazes coloridos, placas e celulares com luzes anunciando seus produtos. Um tempo depois parei para olhar essas fotos e percebi que tinham uma semelhança com festas da periferia, de organização independente, nas quais as pessoas vão se somando para fazer acontecer, percebi que era isso que eu queria estudar, como esse espaço poderia ser um espaço de pertencimento dos corpos periféricos que não se enxergam dentro da universidade.

Decidi então focar no IFCH que é a festa dentro do campus da UNICAMP mais consolidada até então, o evento que todo mundo conhece e faz questão de ir, muitas pessoas chegaram a comentar comigo que iam mesmo antes de serem estudantes da UNICAMP. E como tradução de tudo que eu queria trazer na pesquisa vem a foto1, para mim esta foto representa o que é o IFCH, se olharmos com cuidado veremos que, ali em cima, na pontinha da marquise do prédio que aparece em primeiro plano, tem um pixo escrito “vai Brasil”, em segundo plano, lá embaixo, no chão, mas quase

⁵ Vogue ou Voguing é um estilo de dança que surgiu dos movimentos LGBTQIA+ da comunidade negra e latina de Nova York entre as décadas de 60 e 70.

transbordando pelas paredes, subindo e descendo escada, ocupando os lugares menos propícios de se ocupar, uma multidão de pessoas, esse foi o IFCH do dia 21 de setembro de 2023, seu mote também foi as cotas trans. Outro elemento que me chama atenção nessa foto são os guarda chuvas, às vezes eles aparecem como coberturas das barraquinhas de venda de bebida, outras vezes como manifestação cultural e identitária, são esses detalhes que fazem com que esteticamente o IFCH remeta a um baile de favela ou fluxo⁶. Muitas vezes os universitários se afastam de seus territórios para estudar, se mudam de casa para ficarem próximos a universidade, e acabam ficando longe de suas raízes, isso pode gerar um sentimento de solidão e estranhamento, mas aqui podemos ler essa imagem como o momento onde cada uma dessas pessoas traz um pouco de si para a academia, pessoas das mais diversas periferias vão para esses eventos, porque não precisam pagar para entrar, porque não tem um código de vestimenta, porque podem se manifestar através da dança e da música, esta que é trazida também das periferias, o famoso “som de preto, de favelado”, que os MCs Amilcka e Chocolate já cantavam lá em 2011, agora ocupam a universidade, ecoando pelos corredores.

CONCLUSÕES:

É difícil trazer tudo em um resumo de cinco páginas, um trabalho de anos de fotografia e observação, mas como encerramento e comprovação de toda a hipótese da pesquisa o IFCH do dia 27 de junho de 2025, seu mote foi o “protesto contra a CPI dos pancadões e as leis de criminalização do funk” como dizia no cartaz de divulgação, com o nome de “O funk ensina”. De fato o funk ensina, o funk ocupa e abre espaço, abre portas e caminhos, no percurso ele acolhe e inclui. Nesta última cultural do IFCH, como divulgado no cartaz, pudemos contar com a presença de DJs do movimento funk que são reconhecidos internacionalmente, o movimento cresceu, as pessoas de fora do mundo acadêmico restrito e elitizado reconhecem a importância de ocupar esse espaço de forma física e apoiam as pautas reivindicadas pelo movimento estudantil pautas que também são externas ao campus. Os motes reivindicados nessas festas dizem respeito à existência, à diversidade, ao reconhecimento de corpos que antes eram “estranhos” dentro da universidade, mas que agora se tornam cada vez mais presentes. Festas como o IFCH e DCE materializam a potência política do movimento estudantil, ao reivindicarem espaços de existência por meio de práticas acessíveis e de confraternização, sem abrir mão do comprometimento com as pautas políticas que os fundamentam.

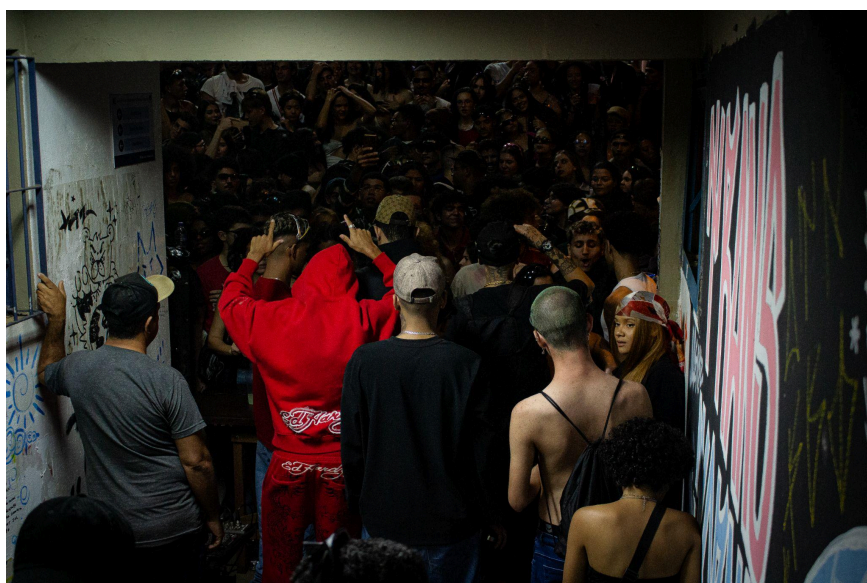


Imagem 1: Divulgação do evento O funk ensina. - Fonte: Página do instagram @ofunkensina

Foto 2: Cultural IFCH do dia 27 de junho de 2025, em protesto a CPI dos Pancadões e as leis de criminalização do funk. - Fonte: De Autoria própria

⁶ Num sentido mais estrito, a festa do fluxo é uma prática social e espacial de caráter fortemente juvenil que emerge das periferias populares urbanas. (Ramos, 2020)

BIBLIOGRAFIA

AMILCKA E CHOCOLATE. **Som de preto.** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/amilcar-e-chocolate/162677/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

CACHADO, Rita. Diário de campo. Um primo diferente na família das ciências sociais. **Sociologia & Antropologia**, v. 11, n. 2, p. 551–572, ago. 2021.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. **Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa.** G. S., [S.d.].

DAMÁSIO, Ana Clara. **“Agora sei o que você faz, você conta histórias!”: notas etnográficas sobre um Diário de Campo Visual Público, alteridade, colonialidade e posicionalidade.** *Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)*, v. 31, n. 2, p. e191365, 29 dez. 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação [recurso eletrônico]: episódios de racismo cotidiano** / tradução Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1980.

PEREIRA, Luana Nascimento Nunes. **Alteridade e raça entre África e Brasil: branquidade e descentramentos nas ciências sociais brasileiras.** *Revista de Antropologia*, v. 63, n. 2, 4 jun. 2020.

RAMOS, Elvis. **FAZER ETNOGEOGRAFIA NA CIDADE: AS PRÁTICAS ESPACIAIS DAS REDES E MICROCULTURAS JUVENIS DA PERIFERIA EM TORNO DA FESTA DO FLUXO.** *Caminhos de Geografia*, v. 21, n. 77, p. 71–84, 1 out. 2020.

ROSA, William; FACCHINI, Regina. **“Você é um dos reprovados?”: cotas, tensões e processos de subjetivação entre universitários negros de medicina.** *Mana*, v. 28, n. 3, p. e2830404, 2022.

SIQUEIRA, João Paulo; RAMOS, Rodrigo Maciel. **As (re)configurações subjetivas e identitárias de negros na Universidade: fricções epistêmicas e aquilombamento acadêmico.** 2021.

SILVA FILHO, Genésio Zeferino da. **Funk: grito por espaços de convivência.** *Revista Comunicação & Educação*, n. 23: Violência e globalização, Gestão comunicativa, Novas tecnologias, p. 43-48, 2002.

VARGAS, João Costa. **Racismo não dá conta: antinegritude, a dinâmica ontológica e social definidora da modernidade.** *Em Pauta*, Rio de Janeiro, n. 45, v. 18, 2020.